

DISCÍPULOS INSUBMISSOS: ÁLVARO LINS E A CRÍTICA DE RODAPÉ NO RECIFE

Fábio Andrade (UFPE)¹


Resumo: Um dos traços mais interessantes da crítica contemporânea é a possibilidade de enfrentar seus limites metodológicos e conceituais, tensionada hoje pela crise do próprio conceito de literatura. Meu objetivo é apresentar a maneira como a crítica de rodapé então praticada nos jornais do Recife se posicionou diante da luta entre a cátedra e o rodapé. Os responsáveis pelos rodapés nos jornais recifenses tinham em Álvaro Lins uma referência familiar e formadora, desenvolvendo uma postura sugerida pela própria argúcia de Lins: questionar o mestre e ter autonomia para se posicionar de acordo com as próprias convicções. **Palavras-chave:** Álvaro Lins; Crítica; Rodapé.

Nosso tempo se caracteriza como um momento de crise, não só de instituições como também de saberes. Os estudos literários, dentro dessa perspectiva de crise, já há muito têm se debruçado sobre seus limites, suas lacunas e, porque não dizer, seus “mitos”. E mito no sentido profundo do termo: o de narrativa fundamental, que deve, periodicamente, ser questionada, criticada.

Uma dessas narrativas, no âmbito brasileiro, é o da superação da chamada crítica de rodapé pela crítica acadêmica (a “cátedra”), que condenou tudo o que fugia a um estrito senso de análise formalista sob o estigma do “impressionismo”. A crítica de rodapé conheceu seu momento áureo dos anos 30 até os anos 60, quando os jornais se modificam e a crítica se institucionaliza nos cursos de letras das universidades brasileiras. O fim dessa crítica jornalística foi marcado por um embate que ocorreu no próprio jornal e se inicia com o retorno de Afrânio Coutinho dos Estados Unidos, seduzido pelo pensamento e pela prática do New Criticism que já dominava as universidades americanas.

Coutinho chega ao Brasil disposto a enfrentar a crítica de rodapé que passou a ser vista por ele, após a estada americana, como improvisada, pouco científica, meramente diletante. A polêmica entre eles se deu nos jornais e ficou marcada na história das letras brasileiras como a “polêmica da cátedra com o rodapé”. Lins representando o rodapé, de caráter personalista e, sobretudo, com forte carga humanista; e Coutinho importando as

¹ Professor de Estudos Literários com doutorado em Teoria da Literatura. É atualmente o coordenador do NULMI (Núcleo de Estudos em Literatura, Memória e Imaginário)



novas ideias e conceitos do New Criticism americano, insistia no caráter “impressionista” do rodapé e na necessidade da profissionalização do crítico via a cátedra.


Essa polêmica tem sido o ponto de partida para uma série de reflexões sobre o papel e a importância da crítica literária hoje no Brasil. Até que ponto, a vitória da cátedra sobre o rodapé, que praticamente desapareceu, representou também um insulamento da crítica, um divórcio entre ela, agora convertida em linguagem especializada, e o leitor comum?

No Brasil, João Cezar de Castro Rocha, com seu *A crítica literária em busca do tempo perdido* (2011), dedicou-se a refletir sobre os matizes e aspectos pouco evidentes da polêmica da cátedra com o rodapé. Para João Cezar, rever essa narrativa não significa propor um retorno ao rodapé, mas antes atentar para o que foi perdido no exílio acadêmico da crítica. Havia algo de admirável naquela crítica feita nos jornais: o diálogo da literatura, e conseqüentemente da própria crítica, com o mundo social, com as questões políticas e afetivas do homem através de uma verve polêmica. De fato, a polêmica que marcou a luta entre a cátedra e o rodapé era uma tônica da própria crítica de rodapé que era um verdadeiro colégio de vozes discordantes. Os mestres eram reverenciados, mas também criticados quando oportuno. Por outro lado, a valorização da polêmica e da crítica ao mestre não deixava de ser uma espécie de homenagem.

Assim se deu com o próprio Álvaro Lins, questionado não apenas por Afrânio Coutinho, mas por vários críticos que, conterrâneos seus, seguidores e admiradores de seu exemplo, transformaram o rodapé em espaço constante de debate, reflexão e circulação de ideias. Proponho-me neste artigo a lançar um olhar sobre esses discípulos insubmissos que, questionando o próprio mestre, fizeram da crítica uma arte combativa e pertinente.

A força e a presença de Álvaro Lins

A atuação de Álvaro Lins como o crítico titular de um dos maiores jornais do Brasil nos anos de 1940 – o *Correio da Manhã* – lhe valeu uma série de epítetos, dentre eles o de Drummond que o qualificou de “imperador da crítica brasileira”. Para o poeta, era inútil argumentar contra um juízo de Lins, restando ao que fora alvo de alguma opinião desfavorável sua aceitar e repensar sua literatura.




Através de seu espírito combativo e polêmico, Lins transformou-se num farol para muitos dos que debutaram nas páginas dos noticiários entre os anos 1940 e 1960. Se seu estilo elegante e expressivo fez a cabeça dos críticos de rodapé de todo o Brasil, deixou também em seu estado de origem marcas profundas. Pernambuco sempre teve uma vida literária rica e fecunda, de modo que paralelamente à atuação crítica de Lins, assentado no Rio de Janeiro, desenvolveu-se nas páginas dos periódicos pernambucanos uma *crítica de rodapé* vigorosa, igualmente militante.

Além do rodapé, o outro elo entre esses críticos é justamente Álvaro Lins. Ele é uma referência incontornável, presença que se faz sentir, concentrada ou difusa, explícita ou implicitamente. Chegam a se referir a ele como um patrono, com respeito, com visível admiração; nem por isso deixam de discordar, de questionar o pensamento e as ideias do “mestre”. Numa palavra: não deixam de *criticá-lo*. Ter assimilado essa lição, presente na atuação crítica do próprio Álvaro Lins, faz dessa crítica de rodapé pernambucana uma expressão das mais legítimas de nossa literatura.

O próprio Lins defendia, num artigo sobre Tristão de Athayde – “Um crítico do mundo moderno” – a independência do crítico diante dos críticos que lhe despertavam maior admiração. Independência para avaliar e criticar e disposição para ser avaliado e criticado, pois “as opiniões diversas e os gostos diferentes não se destroem”. Nessa pluralidade de posições, Álvaro Lins via o sentido de ser da crítica: “De uma maneira mais ampla, a ninguém um crítico faz pensar mais intensamente, mais agudamente, do que a outro crítico que o lê. Não sei de exercício de ideias literárias mais apaixonante do que este de colocar um crítico em face de outro crítico” (2012, p.94).

Como coro de vozes dissonantes, a crítica resguarda o fundamento de sua própria existência. Nessa perspectiva, a maior homenagem que um crítico presta a outro é posicionar-se diante de suas ideias e julgamentos.

O objeto da crítica de Lins no referido texto é o livro de Tristão de Athayde: *Meditação sobre o mundo moderno*. Lins acreditava que a visão católica de Athayde comprometia nos últimos ensaios do livro o ideal de isenção que o próprio Álvaro Lins, também católico, acreditava ser necessário a qualquer um que se dedicasse à prática da crítica. Sem deixar de louvar as qualidades necessárias à crítica de jornal, sem as quais ela se torna insossa, inócua, presentes nos textos de Tristão de Athayde – “a agilidade de estilo, a agudeza e a rapidez de análise, o poder de exprimir o pensamento do autor e



do próprio crítico num movimento de síntese” (p.94) – Lins expõem a ameaça do credo católico à capacidade de julgamento e reflexão de Athayde nas últimas páginas de seu livro:

Estes ensaios finais são páginas mais religiosas do que literárias, embora não haja nenhuma separação irremediável entre estas duas expressões. Páginas, acrescento, mais de apóstolo do que de crítico. E estas duas expressões é que não se ajustam muito bem. Pode-se dizer, então, que as duas primeiras partes do livro são do crítico literário e do pensador político; a última é do presidente da Ação Católica. As duas primeiras, merecem o meu comentário e a minha admiração; a última, o meu respeito. (2012, p.97)


Álvaro Lins foi fonte de admiração e respeito para os críticos da época, um exemplo de crítica eficaz e sempre relevante. Dono de um estilo límpido, aliava a isso o seu sensível pensamento investigativo. Também em Pernambuco fez ressoar o “imperador” da nossa crítica suas ideias e seu modo de fazer crítica. Eis a grande lição de sua atuação crítica: a autonomia para construir seus próprios julgamentos e posições, inclusive e principalmente, diante dos críticos que mais admira.

Aderbal Jurema: o elogio da divergência

Aderbal Jurema² recebeu em 1952 o “Prêmio Sílvio Romero da Academia Brasileira de Letras” pelo seu livro *Poetas e Romancistas do Nosso Tempo*, livro que reunia artigos publicados em sua coluna no Jornal do Commercio. No ano seguinte sai o segundo volume de *Poetas e romancistas do nosso tempo*, onde consta o artigo que tomamos como exemplo do diálogo de Jurema com Álvaro Lins: “Um Neo-romântico da Poesia”. O objeto da resenha é o livro *Fonte Invisível*, de 1949, de Augusto Frederico Schmidt.

O texto afirma que a primeira coisa a destacar no livro de Schmidt é sua fidelidade a um novo romantismo. Lembra que Tristão de Athayde observara que Schmidt em seu livro de estréia retomava a tradição romântica em plena efervescência

² Aderbal Jurema nasceu em João Pessoa, em 1912. Veio realizar seus estudos no Recife, formando-se em Direito na tradicional Faculdade do Recife. Desde cedo se dedicou a atividades literárias: foi editor, estando à frente das revistas *Momento* (de 1933 a 1935) e *Nordeste* (de 1945 a 1954). Participou da organização do Primeiro Salão de Poesia do Recife, em 1948. Estréia na crítica de rodapé no Jornal do Commercio, entre os anos de 1949 e 1954, e vários dos artigos produzidos nesse período foram reproduzidos nos jornais cariocas *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*.



modernista. Nos primeiros parágrafos surge a referência a Álvaro Lins: “Temperamento ultra-romântico, que nunca se desligou das constantes de mar, amor e morte em sua obra, como já assinalou o Sr. Álvaro Lins” (1953, p.26).


O resquício de romantismo na poesia de Augusto Frederico Schmidt abre espaço para que Aderbal Jurema faça uma interessante distinção entre o espírito romântico e a rebeldia simbolista que o poeta carioca não alcançaria:

Temperamento de romântico, alma de romântico, não pode o poeta se libertar do descritivo que era, sem dúvida, um traço dos mais antipoéticos da escola superada pelos simbolistas. No seu poema “Retrato”, o pincel do poeta não perdeu o mínimo detalhe da técnica romântica que, pelo excesso da clareza, arrastava a arte poética para um prosaísmo mais sentimental do que lírico, onde a palavra perdia a sua consciência ou o seu poder de sugestão misteriosa. (1953, p.26)

Mas, se Schmidt não ultrapassa o neo-romantismo, também acaba por incorrer em certos exageros pretensamente “simbolistas”, como a excessiva aproximação da poesia de certa musicalidade. Aproximação que, no final das contas, sobrecarrega o poema de uma discursividade que beira a falsa eloquência. Decorre daí a comparação entre Schmidt e Castro Alves. O poeta baiano, porém, era “um bardo da sua hora, do seu tempo, em que o romantismo encontrou na luta abolicionista a matéria prima ideal para seu casulo”. É o julgamento que Álvaro Lins faz da poesia de Augusto Frederico Schmidt que será a referência para Jurema contrastar seu ponto de vista.

Em seu *Jornal de Crítica*, primeira série, Álvaro Lins supervaloriza a poesia de Schmidt, ao ponto de considerá-lo tão importante quanto Manuel Bandeira. Afirma que ele detém um lugar de destaque entre as expressões líricas mais apuradas da história da poesia brasileira. A opinião de Aderbal Jurema é contrária a de Lins. Para Jurema:

(...) embora um crítico da estirpe do Sr. Álvaro Lins tenha afirmado que o Sr. Augusto Frederico Schmidt é um poeta do passado, do futuro e também do presente, tememos que o tom de sua poesia não esteja em consonância estética com a sua época. Mesmo que precisemos de mensagens neo-românticas, não serão as do Sr. Augusto Frederico Schmidt capazes de repercutir no homem de nossos dias.(1953, p.28).



O trecho exprime de maneira exemplar a alta conta em que Aderbal Jurema tinha a obra crítica de Lins, assim como a posição radicalmente distinta dos dois em relação ao valor da obra de Augusto Frederico Schmidt.

Para Jurema, o poeta carioca trazia em sua poesia uma inadequação entre o tom excessivamente lírico e discursivo do texto e a época de sua criação. A eloquência excessiva era, nas palavras de Jurema, uma armadilha criada pelo “sortilégio da música”, encanto cego do senso crítico de Schmidt. Prova cabal de que o senso crítico do poeta era sobrepujado pelo arranque de sua abundante eloquência seria a falta de concisão. Para Aderbal Jurema, faltava à poesia de Schmidt as qualidades capazes de repercutir no homem daquele tempo – entre elas a condensação.

Faltava ao louvado poeta o rigor crítico de uma dicção moderna, como sinal de imersão em seu próprio tempo. A sintonia com o próprio tempo, a possibilidade de criar um verbo poético capaz de exprimir o tempo histórico dessa voz fugidia e esquiva que é a poesia, e ainda assim assinalar algo de intimamente seu, de particular; era, para Aderbal Jurema, o grande desafio do poeta moderno. Daí a sensação de fracasso com que encarou a poesia de Augusto Frederico Schmidt.

O fecho do artigo segue ainda a contracanto os passos de Álvaro Lins:

Escreveu o Sr. Álvaro Lins, no ensaio já citado, que o Sr. Augusto Frederico Schmidt é o “poeta mais abundante e mais numericamente rico das nossas letras”. Da leitura de *Fonte Invisível*, tendo-se em conta os livros anteriores, pode-se concluir que o sr. Augusto Frederico Schmidt é um poeta que precisa urgentemente de condensação. (1953, p.29)

São justamente as “qualidades” que Álvaro Lins atribui à poesia de Schmidt que Aderbal Jurema julga defeitos. A condensação seria o contrário da abundância elogiada por Lins. A fórmula encontrada por Jurema para sintetizar o problema da frouxa fluência lírica de Schmidt atesta sua argúcia e seu estilo expressivo: “a abundância de sua produção é uma conspiração permanente contra a sua força poética, da mesma maneira que a oratória conspirou contra Castro Alves (...)”.

Aderbal Jurema foi um dos melhores críticos de poesia no Pernambuco naquele momento. Dono de intuições poderosas como o próprio Álvaro Lins, capaz de reconhecer verdadeiras qualidades poéticas. Como fez em relação a Carlos Pena Filho, a quem julga um verdadeiro poeta ao comentar o seu livro de estreia: *Tempo da Busca*, de

1952. A despeito de alguns deslizes de métrica, que algum “crítico rigoroso da forma petrarquiana” podia encontrar, a poesia de Pena Filho tinha, para Jurema, inúmeras qualidades e uma maestria técnica admirável.


Não só a aposta no autor do Livro Geral teve sucesso, como também a posteridade deu ganho de causa a Aderbal Jurema na questão Augusto Frederico Schmidt. Caracterizando, por sua vez, o julgamento da poesia de Schmidt por Álvaro Lins como um caso de supervalorização, provavelmente decorrente de seu profundo sentimento católico que o deve ter levado a simpatizar com a verve espiritualista de uma eloquência quase bíblica.

Moacir de Albuquerque: cruzando correntes

A colaboração de Moacir de Albuquerque³ na crítica de rodapé foi intensa. Entre os anos de 1940 e 1960, publicou inúmeros artigos, uma parte deles reunida no volume *Literatura e Técnica Literária*, editado em 1962, três anos após sua morte precoce. Grande divulgador da literatura francesa nos jornais pernambucanos, Albuquerque escreveu sobre Baudelaire e Rimbaud, mas também sobre poesia concreta e sobre Gilberto Freyre, sobre Nietzsche e sobre a crítica local. Moacir de Albuquerque demonstrava uma sólida cultura literária, lapidada por rigor incomum. O conjunto de artigos focando a obra de Baudelaire que publica em 1957, no centenário de *As flores do mal*, são o que de melhor da época se escreveu em Pernambuco.

Semelhante a Álvaro Lins, a quem cita várias vezes, também o confronto de um crítico com outro lhe parecia um momento privilegiado da reflexão. É no artigo que empresta título ao volume (*Literatura e Técnica Literária*) que se vê um primeiro julgamento sobre o valor de Álvaro Lins. O objeto do comentário é o livro *Correntes Cruzadas*, de Afrânio Coutinho, publicado em 1953. O embate da cátedra com o rodapé foi julgado por críticos como Moacir de Albuquerque e Aderbal Jurema de maneira muito independente. Apontando concordâncias e divergências com uma e outra posição. Até mesmo porque eles próprios fizeram essa migração, dos jornais para o ensino universitário.

³ Moacir Borges de Albuquerque, nasceu a 9 de janeiro de 1912, em João Pessoa, Paraíba. Transferiu-se para o Recife para concluir os estudos secundários no Ginásio Pernambucano. Em 1935 conclui curso de Direito no Recife. Sua trajetória nos jornais, entretanto, começou cedo, nos tempos de aluno quando escreveu para revistas e suplementos literários. Ao lado dessa atividade jornalística desempenhou uma carreira docente atuando em escolas tradicionais do Recife e no ensino universitário.




Vejamos o início do artigo de Albuquerque. A citação é longa, mas justifica-se pela quantidade de questões que o trecho suscita:

Sofre a literatura nacional, desde a muito, a ausência de críticos especializados em técnica. Técnica da crítica, do romance, do conto, da poesia, do drama. Os ficcionistas, por sua vez, não se interessam pelo artesanato. Temem que se lhes chamem parnasianos. Pelo geral, não têm cultura sólida. Nem mesmo literária. Descuidam-se dos problemas da língua, pois abominam o epíteto de “gramáticos” e “puristas”. O resultado é uma literatura pobre de força criadora, com um ou outro cimo. Obras clássicas, no sentido gídiano ou no valeriano, quase não temos. Um Machado de Assis entre os antigos, um Graciliano entre os modernos. E, de nossos críticos, mesmo dos mais eminentes, creio que só Afrânio Coutinho e Adonias Filho se vêm dedicando a fundo ao problema da técnica. O próprio Álvaro Lins, que considero o maior crítico brasileiro destes últimos cinquenta anos, pela argúcia e profundidade da análise, passou de longe por esse problema, de importância capital, num país de improvisadores talentosos, como o nosso, em que pouco ou nada se estuda. (1962, p.173)

A ausência de um prolongado aprendizado técnico e de uma reflexão mais comprometida com este aspecto da criação literária seria responsável pela literatura “pobre de força criadora”. Contexto em que rareiam as obras “clássicas” – no sentido em que André Gide e Paul Valéry utilizaram o termo: obras de grande vigor estético e crítico, capazes de redimensionar a literatura e fazer pensar sobre toda a literatura anterior a elas. É importante ressaltar que, se houve algum tipo de associação frequente entre a crítica de rodapé e uma visão mais conservadora da literatura, ela não se aplica a Moacir de Albuquerque que, por exemplo, ao escrever sobre o concretismo, em seu artigo “O Concretismo”, apresenta uma aberta disposição de espírito para as experiências de natureza vanguardista: “Muitas pessoas me têm perguntado (...) o que penso do concretismo. Respondo como posso, tentando explicar, embora não justificar, a nova tendência poética, que merece estudo e respeito, e não chacota ou indiferença” (p.101).

A própria noção de clássico de Valéry que Moacir de Albuquerque cita – para quem o clássico era o escritor que trazia “um crítico em si mesmo, associando-o intimamente a seus trabalhos” (Barbosa, 1999, p.25) – confirma que o apuro técnico que o crítico exige de nossos escritores não se confunde com preciosismo, com conservadorismo. Exemplos são os “clássicos” que ele cita: Machado de Assis e Graciliano Ramos, que não teriam medo nem razão para serem confundidos com parnasianos, a despeito do rigor formal e da aguda consciência técnica.




Para Albuquerque, é nesse contexto que Afrânio Coutinho e Adonias Filho despontam como críticos dedicados a construir uma reflexão mais profunda sobre a questão da “técnica” literária. Nesse momento aparece uma ressalva sobre Álvaro Lins que, sendo o maior crítico literário de então, teria se dedicado pouco também ao problema da “técnica literária”. Note-se que os motivos da grandeza de Lins são assinalados pelo crítico: “pela argúcia e profundidade da análise”. Aqui assinaladas duas qualidades fundamentais para o crítico: a capacidade de observação (argúcia) e a consistência (profundidade) da análise. Seria preciso escrever outro ensaio para estudar com minúcia o que significa “análise” para ele, assim como o problema da “forma” de Joel Pontes demandaria outras tantas páginas. Atendo-me à valoração de Álvaro Lins que o trecho apresenta.

A “grandeza” de Lins, alguém poderia se perguntar, exprimiria um lugar comum da crítica, uma dessas opiniões que repetidas até a exaustão se tornam unanimidade. Mas o que se segue, após esse juízo, situa muito bem a postura de Albuquerque diante do livro de Coutinho. Ele aponta várias qualidades no livro *Correntes Cruzadas*: “Simplesmente assombrosa a erudição do Sr. Afrânio Coutinho. E não apenas americana, como injustamente se tem afirmado. Conhece e discute franceses e italianos, ingleses e espanhóis, com absoluta segurança”. Chega a afirmar que seria preciso escrever vários artigos para conseguir discutir todas as teses “quase sempre justas” a respeito de crítica e literatura que propõe o livro de Afrânio Coutinho.

Em meio ao que há de mais louvável no livro de Coutinho, entretanto, aparecem as ressalvas e discordâncias de Albuquerque. Reclama a ausência de um índice que pudesse dispor os artigos por assunto, e por datas, o que evitaria a sensação de “repisado e fatigante” na leitura. Suas teses, de reconhecida importância, e que demandariam várias páginas por parte de Albuquerque são, nas palavras do próprio crítico, “quase sempre justas”. A partir desse ponto, as discordâncias são colocadas de maneira mais veemente; e vão além da organização da edição, confrontando diretamente os pontos de vista do paladino do New Criticism.

Acha exagero de Afrânio Coutinho afirmar que cabe à técnica, exclusivamente, o “dom de salvar do vazio e do frívolo nossa literatura”. Também não concorda com Afrânio Coutinho considerar Sílvio Romero o maior crítico brasileiro morto, acreditando, ao contrário, ser o adversário de Romero – José Veríssimo – espírito mais



“arguto” e “equilibrado”, “minucioso” e “sensato”. Perceba-se que o termo “arguto” usado para caracterizar Álvaro Lins é retomado aqui para afirmar a superioridade de Veríssimo sobre Romero. A principal discordância do artigo, porém, que de resto se derrama em elogios, diz respeito justamente a opinião de Coutinho sobre a crítica de rodapé.

Creio ser igualmente importante transcrever o trecho:


Também não estou de acordo quando condena, quase em bloco, a banalidade e insignificância de nossa crítica, sobretudo a feita em jornal, que acusa de se corromper em simples registro camaradesco, sem ciência nem utilidade para o público. Isto é o mesmo que colocar em igual plano comentaristas ligeiros e escritores da responsabilidade e do talento de Álvaro Lins, Olívio Montenegro, Valdemar Cavalcanti, Adonias Filho, etc., que mantém (o primeiro continua afastado) rodapés em jornais e revistas.(p.178)

A principal discordância de Moacir de Albuquerque em relação a Afrânio Coutinho é o julgamento injusto deste para com a crítica de rodapé. Note-se que o primeiro da lista é justamente Álvaro Lins, que Albuquerque, como se viu, considera o maior crítico brasileiro até então. Para Albuquerque, a crítica de jornal não se resumia a simples “registro camaradesco”. Se havia uma crítica insignificante e banal, havia também outra, vigorosa e talentosa, representada pela lista que ele elenca e a qual Álvaro Lins encabeça. O fato de ter o jornal como seu principal habitat não destitui essa crítica de seu grande valor e serviço às letras nacionais. Pois, que crítico maior existiria na França que Sainte-Beuve?

Considerações finais

Álvaro Lins como mestre da crítica representa a sobrevivência do gesto crítico sobre a infalibilidade dos métodos formais. A resistência a pretensões científicas que estabelecem determinados modelos de leitura das obras literárias – eles mesmos meras ferramentas supervalorizadas. Aceitar sem questionar essas novas ideias, verdadeiras promessas de uma utopia metodológica, seria praticamente uma deserção da crítica como postura que permite uma prática e um saber.

Acima de tudo isso, parece insistir Álvaro Lins, está o valor da própria experiência do crítico enquanto leitor, enquanto sensibilidade impactada pela potência da experiência literária. Como ele mesmo bem definiu: a possibilidade de ser um



elemento de aventura, aventura na própria personalidade, um desdobramento pessoal, de “livre caminho em extensão e profundidade”.

Num momento como este, em que a contemporaneidade propõe novos desafios à crítica, que exige dela uma desarmada disposição para dialogar com a internet, as novas tecnologias e um crescente e renovado público leitor; é a recuperação desse gesto de aprender a ler e de ensinar a ler, que Álvaro Lins traz de Sainte-Beuve, que pode converter a crítica num verdadeiro e transformador encontro entre a literatura e os seus leitores.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Moacir de. *Literatura e técnica literária*. Recife: Editora Recife, 1962.

BARBOSA, João Alexandre (org.). *Paul Valéry: Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CASTRO ROCHA, João Cesar de. *A crítica literária em busca do tempo perdido*. Chapecó: Argos, 2011.

CESAR MAIA, Eduardo (org.) *Álvaro Lins: sobre crítica e críticos*. Recife: CEPE, 2012.

JUREMA, Aderbal. *Poetas e romancistas do nosso tempo*. Recife: Nordeste, 1953.

MESES BOLLE, Adélia Bezerra de. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.

PONTES, Joel. *O aprendiz de crítica*. Recife: Instituto nacional do livro, 1960.